



A breuitas na obra de Festo de Tridento
La breuitas en la obra de Festo de Tridento
Breuitas in the work of Festus of Tridentum

Moisés ANTIQUEIRA¹

Resumo: Este artigo analisa de que forma o epitomador Festo de Tridento trabalhou com a perspectiva da brevidade – em latim, *breuitas* – em seu compêndio histórico, ressaltando, porém, que não se tratava de um recurso aplicado de maneira uniforme ao longo de toda a narrativa.

Abstract: The paper intends to point out how the epitomator Festus of Tridentum dealt with the ideal of brevity – the Latin *breuitas* – in his historical compendium. Nevertheless, it is noteworthy to mention that Festus did not use that rhetorical tool in an unvarying manner.

Keywords: Festus – *Breuitas* – Latin historiography in the Fourth Century AD.

Palavras-chave: Festo – *Breuitas* – Historiografia latina no século IV d. C.

ENVIADO: 28.02.2014

ACEITO: 12.03.2014

¹ Professor *Adjunto A* vinculado ao Colegiado de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/Campus Marechal Cândido Rondon). *E-mail:* mantiqpira@yahoo.com.br.

I. Introdução

Durante a segunda metade do século IV d. C.², uma boa quantidade de compêndios literários, de diferentes vertentes, circulava no interior do mundo romano. A elaboração desses textos de caráter sumarizado também se fez sentir no que dizia respeito à escrita da história: convencionalmente denominados por “epítomes” ou “breviários”³, obras como as *Historiae abbreviatae* de Aurélio Vítor, o *Breviário de história romana* de Eutrópio e o *Epitome de Caesaribus*, de autoria incerta, foram compostas nas quatro últimas décadas do referido século.⁴

Pois bem. Qual seria o ponto de convergência que se observa entre todos esses textos? Tais narrativas históricas pautavam-se na brevidade como meio fundamental de expressão escrita. A importância atribuída à *brevitas* obedecia a certas convenções retóricas e gramaticais em voga no período tardoantigo, as quais teriam conduzido, em relação à historiografia, ao abandono da busca pelas causas dos fenômenos históricos, limitando o relato a uma concisa exposição dos eventos (LANA 1979: 16).⁵

A princípio, um autor teria levado essa perspectiva ao extremo: Festo. Seu *Breviário dos feitos do povo romano*⁶, tal como é comumente chamado, foi produzido provavelmente no inverno de 369-370 e enfatizava, em diferentes passagens, a intenção do epitomador no sentido de estabelecer um trabalho calcado na *brevitas*. O opúsculo de Festo tinha por objetivo traçar um painel histórico no que tangia às conquistas territoriais de Roma, salientando, porém, a instável relação que opunha os romanos aos seus inimigos orientais, ou seja, partas e persas. Assim, dirigindo-se (ao que parece) ao imperador Valente (364-378), Festo postulava que o soberano aceitasse “aquilo que foi

² Todas as datas indicadas se referem à era cristã, salvo quando assinalado em contrário.

³ O vocábulo *breviarium* consiste em uma das formas latinas que equivalem à palavra grega *epitomé*, cujo significado não era outro senão o de “resumo”. Neste sentido, ambos os termos podem ser empregados enquanto sinônimos que definiam uma forma de expressão textual no interior da historiografia latina.

⁴ Compete apontar, porém, que Michel Festy propõe que o *Epitome de Caesaribus* tenha sido redigido entre os anos de 406 e 408 (CALLU 1999: 607).

⁵ Ainda que se referisse diretamente ao livro de Eutrópio, Robert Browning parte de uma premissa semelhante à de Lana no que concerne aos epítomes de história do século IV: a concisão da narrativa impediria que o breviário contivesse “qualquer análise séria quanto às causas históricas” (BROWNING 1982: 740).

⁶ Doravante *Breviário*.

enumerado de forma mais breve do que [palavras] brevemente ditas (*quod breuiter dictis breuius computetur*)” (FESTO, 1.2).⁷ Logo, tornava-se patente a ótica de que a estrutura narrativa assentar-se-ia sobre o signo da concisão, sinalizando aos potenciais leitores e ouvintes que o fator distintivo inerente à composição de epítomes – ou seja, a *breuitas* – seria observado da maneira mais estrita possível.

Nestes termos, pode-se afirmar que o propósito manifesto do texto de Festo seria, lançando mão aqui de uma paráfrase, o de se revelar “mais breve que a brevidade”. O anseio por produzir uma narrativa que se mostrasse extremamente sucinta levou-o a sublinhar que sua obra registraria os feitos dos romanos (*res gestas signabo*) prescindindo, contudo, dos ditames da elocução (*non eloquar*) – algo que, inclusive, é justificado sob a alegação, quicá altamente retórica, de que o escritor não reunia a capacidade de formular uma exposição mais ampla (*desit facultas latius eloquendi*) (FESTO, 1.1).

II. *Breuitas* e *enumeratio* na obra de Festo

Cabe questionar, por ora, as razões pelas quais Festo redigiu uma obra histórica pautado no princípio da brevidade. Novamente, o parágrafo inaugural do texto desperta a atenção. Nele, o autor assegura que “tua Clemência ordenou que um sumário fosse preparado” (*breuem fieri Clementia tua praecepti*), proposição que findava por ser complementada por outra invocação voltada ao “glorioso príncipe”, para que este considerasse a possibilidade de “não tanto ler quanto enumerar para si mesmo a longevidade vetusta do povo romano e os fatos dos tempos mais antigos” (*ut annosam uetustatem populi Romani, ac prisca facta temporis, non tam legere tibi, gloriose Princeps, quam numerare uidearis*) (FESTO, 1.1).

Tais referências feitas a esse inominado *princeps* podem estar diretamente relacionadas ao lugar social a partir de onde Festo havia elaborado o seu discurso. Um dos principais manuscritos sobre o qual o texto supérstite do *Breviário* se baseia – o chamado *Codex Bambergensis*, cuja confecção remonta à era carolíngia – inicia-se com a seguinte sentença: “*Breuiarium Festi u.c. [uiri clarissimi] magistri memoriae*”, ou “*Breviário de Festo, varão claríssimo, mestre dos arquivos*”.⁸ Embora o códice encontrado na catedral da localidade de

⁷ Em tempo: todas as traduções são de nossa responsabilidade.

⁸ Alto funcionário lotado no seio da corte imperial cuja tarefa era a de receber e preservar as decisões adotadas pelo imperador no que respeitasse à qualquer tema que fosse, e

Bamberg equivale à única peça que confere a Festo o ofício de *magister memoriae*, tamanha informação é considerada plausível na medida em que o texto contido no *Codex Bambergensis* deriva daquela que se avalia como a melhor tradição manuscrita no tocante à obra de Festo (JONES; MARTINDALE; MORRIS 1971: 335).

Neste caso, possuímos uma evidência em relação à trajetória do autor do *Breviário* – ainda que esse indício careça da possibilidade de uma comprovação efetiva. Estudos prosopográficos apontam que um homem de nome Festo (ou talvez Festino) havia exercido, em algum momento entre os anos de 365 e 372, o cargo de “mestre dos arquivos” no seio da corte do imperador Valente (ROHRBACHER 2002: 57). A julgar pelo o que se lê nas *Histórias* de Amiano Marcelino, esse Fest(in)o teria nascido na cidade de Tridento, na província da Récia, advindo de uma família que vivia sob condições humildes (AMIANO MARCELINO, 29.2.22).

Entre os anos de 372 e 378, foi encarregado do governo proconsular da província da Ásia. Já Eunápio de Sardis assinalava que o mencionado Festo havia falecido no dia 3 de janeiro de 380, devido a uma punição que os deuses teriam infligido a ele por conta dos delitos com os quais teria se envolvido, incluindo-se aí a morte do filósofo pagão Máximo de Éfeso, crime que teria sido cometido graças à conivência de um malévolo Festo (EUNÁPIO, *Vida dos Sofistas* 481).

No entanto, faz-se necessário salientar que Amiano Marcelino e Eunápio de Sardis coisa alguma revelaram a respeito da atividade literária que este dignitário imperial de nome Festo teria levado a cabo. Conforme den Boer, o “epitomador” Festo não deveria ser confundido com o governador da província da Ásia: a narrativa do *Breviário* denotaria uma atmosfera “pagã”, ao passo que o oficial a serviço do imperador Valente seria um cristão, implicado em episódios de perseguição contra aqueles que não haviam abraçado o cristianismo, caso do citado Máximo de Éfeso. Ainda de acordo com den Boer, o último capítulo do *Breviário* exprimia uma clara reiteração das crenças pagãs, em contraste com o Deus cristão para o qual a dinastia valentiniana dirigia os seus louvores (DEN BOER 1972: 178-180).

comunicá-las ao público ou às partes interessadas. Já o título de *uir clarissimus* correspondia a uma indicação formal de que o indivíduo pertencia à ordem senatorial, prática comum ao período da Antiguidade Tardia.

Assim, vejamos. O autor clamava para que permanecesse com o imperador a boa fortuna (*felicitas*) “concedida pela vontade de deus (*concessa dei nutu*) e entregue pela divindade amiga (*ab amico... numine indulta*) na qual confias e para a qual és confiado” (FESTO, 30.2). Argumenta den Boer que as palavras “*dei nutu*” se refeririam a uma deidade inespecífica, pagã, cultuada pelo próprio epitomador, ao passo que a expressão “*amicum numen*” conteria uma menção ao Deus para o qual se voltavam os cristãos, dentre os quais se contavam os membros da família reinante (DEN BOER 1972: 178).

Quiçá pudéssemos pressupor que, levando-se em consideração o fato de que o imperador Valente recebeu o batismo quando já havia ascendido ao trono, o “*numen*” ao qual se afirma que ele tinha sido “confiado” dissesse respeito a Deus Pai. Todavia, a citação feita a um “*deus*” não comporta *per se* alusão alguma ao paganismo: para tanto, vale lembrar que a imprecisão e o caráter vagamente monoteísta das invocações relacionadas aos imperadores constituiu um traço comum à produção literária posterior ao reinado de Constantino (306-337) (KELLY 2010: 76).

Logo, essa distinção entre “Festo, epitomador pagão” e “Festo, servidor cristão de Valente”, como quer den Boer, corresponde a uma falsa oposição. O papel de Festo no tocante a julgamentos e condenações de indivíduos que teriam participado de atividades consideradas “mágicas”, nos anos 370, não pode ser tomado como prova cabal de seu apego ao cristianismo. Ainda que atos como a adivinhação englobassem técnicas e preceitos vinculados à tradição “pagã”, é possível apontar um certo número de cristãos entre aqueles que foram acusados de envolvimento com ações premonitórias ao tempo de Valentiniano (364-375) e Valente.

Festo, na condição de agente do Estado imperial, haveria de combater as práticas tidas legalmente por ilícitas, e não – ou melhor, não necessariamente – a roupagem “pagã” que os atos divinatórios porventura carregassem (KELLY 2010: 77). Nestes termos, a identificação do autor do *Breviário* com a figura do “funcionário” Festo de Tridento soa bastante provável.⁹

⁹ Embora meramente circunstancial, poder-se-ia acrescentar mais um elemento a fim de reforçar a associação do “epitomador Festo” com o “Festo de Tridento” que ocupava as páginas dos textos de Amiano Marcelino e de Eunápio de Sardis. A redação de um compêndio se adequava à situação vivenciada por indivíduos à serviço da corte imperial: quer dizer, o exercício de diferentes ofícios no interior da administração do Império

Diante do exposto, cabe retornar à *brevitas* do opúsculo de Festo. Na condição de “mestre dos arquivos” instalado na corte de Valente em fins da década de 360, Festo manteria uma ligação próxima com o citado soberano, a quem então competia o governo da porção oriental do Império romano. Valente, pois, corresponderia ao “*gloriosus princeps*” com quem Festo dialogava no parágrafo inicial de seu texto – passagem a qual, recordemos, sinalizava que a composição do *Breviário* teria sido empreendida em resposta a uma solicitação do imperador (FESTO, 1.1).¹⁰ Logo, a brevidade da narrativa de Festo seria resultado direto do cumprimento de uma ordem imperial?

Arnaldo Momigliano propunha que o texto de Festo equivaleria a uma espécie de resumo elaborado a partir do *Breviário de história romana* redigido por Eutrópio, a quem Festo teria sucedido no ofício de *magister memoriae* junto à corte em Constantinopla. Sugere-se que Valente, dotado de parca instrução literária¹¹, teria julgado a obra de Eutrópio como muito complexa e extensa e, desta forma, demandado a Festo a redação de “um breviário de um breviário” (MOMIGLIANO 1993: 100).

Entretanto, a estrutura narrativa de Festo se diferencia claramente da coetânea obra produzida por Eutrópio e, pois, não pode ser interpretada enquanto “síntese” do compêndio eutropiano (ROHRBACHER 2002: 59). Ademais, registre-se que não é possível atestar com segurança a informação de que um soberano (no caso, Valente) havia pessoalmente comissionado a escrita de um sumário histórico. A declaração mediante a qual Festo inaugurou o seu *Breviário* pode ser compreendida, por exemplo, como um recurso retórico a fim de engrandecer o próprio epitomador, uma insinuação de que o autor contava com o (pretenso) suporte do poder imperial a fim de produzir a sua obra (BALDWIN 1978: 207).

romano tardoantigo tornava impossível que um funcionário imperial dedicasse muito tempo à empresa de redigir uma obra versada em história (BONAMENTE 2003: 88).

¹⁰ Parte da tradição manuscrita relativa à narrativa de Festo aponta que o *Breviário* teria sido dirigido a Valentiniano, ao invés de Valente. Trata-se de um erro cometido por algum copista no decorrer do processo de transmissão textual; contudo, tamanha indicação motivou alguns estudiosos a especularem que o autor teria enviado o seu opúsculo para ambos os imperadores, contendo, porém, uma dedicação específica para cada um deles. Quanto a isso, ver Baldwin (1991: 784).

¹¹ Para um balanço historiográfico quanto à função didática da produção epitomatória latina e sua relação com os novos grupos sociais que ascendem ao poder imperial no século IV, vide Antiqueira (2012: 44-48).

Portanto, é prudente não endossar *prima facie* a assertiva de que Valente havia ordenado a composição do *Breviário* (o que não significa que se coloque em questão o fato de Festo elaborar o seu discurso tendo Valente como leitor/ouvinte presumido). Resta, desta maneira, investigar a *brevitas* do texto de Festo em seus próprios termos. Como vimos, no primeiro parágrafo da obra, o autor anunciava que optaria pela *enumeratio*, em detrimento da *eloquentia*. Isto estabelece, a meu ver, a natureza peculiar da brevidade que Festo buscava para sua narrativa, algo que se observa em particular no capítulo 2 do *Breviário*. Neste ponto, Festo limitou-se a apresentar dados acerca da história de Roma em sua totalidade, desde a fundação da cidade até o reinado de Joviano (363-364), antecessor de Valentiniano e Valente.

Deste modo, Festo dividiu a história romana em razão de seus aspectos políticos e institucionais; portanto, ao longo de 243 anos, sete reis se sucederam no comando da cidade de Roma. Salienta-se, igualmente, a duração do reinado de Rômulo e de cada um dos monarcas subsequentes (FESTO, 2.2). Estes foram suplantados, por seu turno, por 916 cônsules e, em alguns casos, por outros magistrados que exerceram o *imperium* anualmente no decorrer da era republicana, a qual abrangeria um período de 467 anos, entre os consulados de Bruto e Públicola e os de Pansa e Hírcio (FESTO, 2.3).

Por fim, Festo destacaria que a partir do primeiro consulado exercido por Otaviano César Augusto até o governo de Joviano, o mundo romano havia se situado sob a égide de 44 *imperatores*, compreendendo um intervalo temporal de 407 anos. A inclusão dessas informações cronológicas desvelava-se importante na medida em que reafirmava a perpetuidade do poderio romano, em que pesassem as tensões, contradições e obstáculos que poderiam ser apontados no decorrer de uma história milenar. Além disto, ao salientar que sua contagem se estendia até o momento da ascensão da casa valentiniana, Festo estabelecia um laço de continuidade entre os governantes do tempo presente e todo o passado romano, de modo que ratificava indiretamente a legitimidade do imperador para quem a obra se voltava, isto é, Valente (DEN BOER 1972: 186).

A menção às características distintivas das três etapas que comporiam a história romana foi circunscrita ao capítulo 3 do *Breviário*. Festo ressaltou, uma vez mais, a natureza abreviada de seu relato, afirmando que exporia brevemente (*breviter intimabo*) de que forma Roma havia se expandido territorialmente ao longo dos períodos monárquico, “consular” (isto é,

republicano) e imperial (FESTO, 3.1). Vale recordar que um dos traços peculiares da historiografia romana, desde a época médio-republicana, consistia na abordagem dos eventos relacionados à cidade de Roma, fossem de caráter interno ou externo (*domi militiaeque*). Festo dedicou-se, porém, somente ao segundo elemento daquela convencional equação. Por isso, o autor listou todas as áreas que foram conquistadas pelas forças romanas, do parco avanço territorial na planície do Lácio ao tempo dos reis até as províncias que foram anexadas ao *imperium Romanum* sob o domínio de diferentes *principes*.

A partir disto, o *Breviário* de Festo enumera, entre os capítulos 4 e 9, as diversas províncias ocidentais que se integravam à potestade dos romanos. Os dados elencados se restringiam, basicamente, aos nomes dos generais vitoriosos e dos governantes autóctones que foram derrotados, a detalhes pontuais envolvendo as guerras de conquista, eventuais revoltas locais e à situação político-administrativa em que a província e ou diocese listada se encontrava ao tempo da narrativa, ou seja, ao final do ano de 369 e o começo do ano posterior. As referências feitas à África romana ilustram cabalmente tal procedimento, como se lê abaixo:

In Africam propter defensionem Siculorum Romana transmissa sunt signa. Ter Africa rebellavit: ad extremum, deleta per Africanum Scipionem Carthagine, provincia facta est: nunc sub proconsulibus agit. Numidia ab amicis regibus tenebatur: sed Iugurthae, ob necatos Adherbalem et Hiempsalem, Micipsae regis filios, bellum indictum est: et eo per Metellum consulem attrito, per Marium capto, in populi Romani potestatem Numidia pervenit. Mauretaniae a Boccho Rege obtentae sunt. Sed subacta omni Africa, Mauros Iuba rex tenebat; qui in causa belli civilis ab Iulio Caesare uictus, mortem sibi propria manu conscivit. Ita Mauretaniae nostrae esse coeperunt: ac per omnem Africam sex provinciae factae sunt: ipsa, ubi Carthago est, proconsularis; Numidia, consularis; Byzacium, consularis; Tripolis et Mauritaniae duae; hoc est Sitifensis, et Caesariensis, sunt praesidales.

Os exércitos romanos foram enviados à África para a defesa dos sículos.¹² Por três vezes a África se rebelou; por fim, após Cartago ter sido destruída por Cipião Africano, foi transformada em província. Hoje está sob a autoridade de procônsules. A Numídia era mantida por reis amigos: mas a guerra foi declarada contra Jugurta uma vez mortos Aderbal e Hiempsal, filhos do rei

¹² Nota-se o emprego de um arcaísmo por parte de Festo, ao denominar os habitantes da Sicília por *siculi*, grupo étnico que havia povoado a porção leste da ilha a partir dos meados do segundo milênio a. C.

Micpisa; e depois que ele foi enfraquecido pelo cônsul Metelo, e capturado por Mário, a Numídia incorporou-se à potestade do povo romano. As Mauritânias foram tomadas do rei Boco. Mas, subjugada toda a África, o rei Juba ainda protegia os mouros; o mesmo que, vencido por Júlio César por causa da guerra civil, se entregou voluntariamente à morte com suas próprias mãos. Assim, as Mauritânias passaram a ser nossas e por toda África seis províncias foram criadas: a África em si, onde está Cartago, é proconsular; a Numídia, consular; Bizácio, consular; Trípoli e as duas Mauritânias, ou seja, a Sitifense e a Cesariense, são governadas por *praesides* (FESTO, 4.3-5).

Na sequência, os capítulos 10 a 14 enfocam as regiões concernentes à parcela oriental do Império. Desta maneira, Festo obedecia a um critério geográfico, tratando a questão da expansão romana ao longo dos séculos a partir de uma distinção entre o ocidente e o oriente do *orbis Romanorum*. Ademais, tal separação contemplava a situação política e administrativa comum ao tempo de Festo, em que o Império era governado por dois soberanos, Valentiniano no Ocidente e Valente no Oriente.

No capítulo 15, todavia, se estabelece um efetivo recorte na narrativa, como se segue:

Scio nunc, inclite princeps, quo tua uergat intentio. Requiris profecto, quoties Babyloniae et Romanorum arma collata sint, et quibus uicibus sagittis pila contenderint. Breuiter euentus enumerabo bellorum. Furto hostes in paucis inuenies esse laetatos; uera autem uirtute semper Romanas probatas extitisse uictorias.

No presente momento eu sei, célebre príncipe, para onde sua atenção se dirige. Certamente procuras saber quantas vezes os exércitos da Babilônia¹³ e os dos romanos se opuseram e em quais lugares as flechas e as lanças rivalizaram. Enumerarei brevemente o desenlace destas guerras. Constatarás que os inimigos, em poucas ocasiões, foram felizes em razão de ardis; por outro lado,

¹³ A mesma perspectiva sinalizada na nota anterior pode ser vista no que se refere ao uso do termo *Babylonia*. Tamanho recurso findava por generalizar os adversários orientais de Roma, como se os tornasse uma ameaça que, indistinta, continuamente incomodava os romanos no decorrer de quase meio milênio; daí que o *Breviário*, pelo menos até o capítulo 22 (que reporta a ascensão dos sassânidas ocorrida quando o Império romano era governado por Severo Alexandre (222-235)) utilizasse os termos “parta” e “persa” sem estabelecer diferença alguma entre o regime dos arsácidas (partas) e dos sassânidas (persas). Em suma, não se tratava de uma confusão sistemática, mas antes um ato deliberado. Quanto à presença desse artifício em meio à literatura latina produzida no século IV, ver Chauvot (1992: 115; 117).

reconhecerás que os romanos sempre se revelaram vitoriosos, como resultado da verdadeira virtude (FESTO. 15,1).

Novamente, Festo ressaltou a natureza abreviada de seu texto. O relato apresentado entre os capítulos 15 e 29, que abrange as relações bélicas e diplomáticas travadas entre os romanos e os persas (precedidos pelos partas), ainda se pautava na busca por traçar um panorama resumido no tocante a certos acontecimentos selecionados pelo autor, tal como se nota na primeira parte da narrativa (entre os capítulos 4 e 14, como salientado anteriormente). No entanto, a partir do capítulo 15 introduziram-se significativas modificações.

Festo esboçou, com efeito, um balanço histórico acerca dos contatos entre romanos e partas/persas. Ainda que sumarizada, a segunda metade do texto abandona o princípio geográfico observado nos capítulos precedentes do *Breviário*. O motivo para tanto se deve ao fato de que as atenções de Festo se direcionavam, a partir daquele ponto, a uma temática específica no que tangia aos conflitos externos protagonizados pelos romanos.

A enumeração dos territórios conquistados por Roma (FESTO, 4-14) tornava possível a exposição dos eventos mediante um ordenamento geográfico. Contudo, as disputas envolvendo os romanos e os seus adversários orientais ao longo dos séculos foram marcadas por vitórias de ambos os lados. Dito de outra maneira, no tocante aos Impérios parta e persa não houve conquista efetiva por parte de Roma, fator elementar com o qual Festo teve de lidar.

Sendo assim, o tratamento destinado por Festo à “questão parta/persa” se conformaria a um padrão cronológico, que se inicia com uma referência à delegação parta enviada pelo rei Arsaces a Sila, então procônsul da Cilícia (no começo do século I a. C.), estendendo-se até a cessão da siríaca Nísibis para os persas sassânidas, ao tempo de Joviano, uma vez que seu predecessor, o imperador Juliano, havia sido morto durante a campanha que empreendeu contra o exército persa em julho de 363 (FESTO, 15.2; 29.2). Há uma alteração digna de nota quanto ao emprego do princípio da *brevitas* entre a primeira e a segunda metade da obra: ao contrário do que Festo declarava no capítulo 15 (FESTO, 15.1), essa parcela restante do texto não se fundamenta apenas na ideia da *enumeratio* – em que pese o fato, ressalte-se, de a obra manter a sua natureza sumarizada.

Isto caracteriza os capítulos 25 a 29 em particular (os quais englobam os contatos entre Roma e a Pérsia Sassânida no intervalo de tempo que se inicia com Diocleciano e termina com Joviano). Em primeiro lugar, cada um dos parágrafos/capítulos relata os acontecimentos concernentes às relações romano-pérsicas limitando-se ao reinado de um soberano em específico, ao contrário do que se nota nas passagens anteriores do texto.

Desta forma, os capítulos 25 a 29 destinam-se aos confrontos na fronteira oriental circunscrevendo-se aos respectivos governos de Diocleciano (284-305) – Galério, identificado como “Maximiano César”, também é mencionado, mas claramente situado como governante subordinado ao *Augusto* Diocleciano –, Constantino, Constâncio II (337-361), Juliano (361-363) e, finalmente, Joviano. Por seu turno, é possível notar uma ligeira mudança no que respeita a técnica narrativa.

Embora a trama “*évènementielle*” conceda grande peso à ação de figuras individuais, traço biográfico que pode ser apontado ao longo de todo o *Breviário*¹⁴, o encadeamento dos eventos não obedece totalmente a essa centralidade que se destinava ao agente individual, de modo que Festo trazia alguns detalhes que conferiam à sequência narrativa uma dinâmica um pouco diferente daquela que se esperaria da anunciada enumeração dos fatos (FESTO, 15.1). Para tanto, atentemos para o capítulo 27:

Constantius in Persas uario, ac difficili magis, quam prospero, pugnavit euentu. Praeter leues excubantium in limite congressiones, acriori acie nouies decertatum est per duces eius; septies ipse praesens adfuit ueris, et grauibus pugnis: uerum pugnis Sisaruenta, Singarena et iterum Singarena, praesente Constantio, ac Siggarena, Constantiensi quoque, et cum Amida capta est, graue sub eo principe respublica uulnus accepit. Ter autem est a Persis obsessa Nisibis; sed maiore suo detrimento, dum obsideret, hostis affectus est.

¹⁴ Não surpreende que a segunda metade do *Breviário* (entre os capítulos 15 e 29) exhibisse uma “disposição inegavelmente biográfica”, visto que as relações entre romanos e partas/persas se desenrolaram, em larga medida, durante o período imperial da história de Roma. É interessante, todavia, perceber que a primeira parte da narrativa (capítulos 4-14) também demonstrava um nítido aspecto biografizante – para tanto, vide as passagens relativas à conquista da África, como expostas anteriormente –, em que pese o fato de Festo ter listado a expansão territorial romana tendo em mente um critério geográfico. O amplo uso da preposição *sub* seguida de um ablativo (“*sub imperatoribus*”, “*sub proconsulibus*”, “*sub eo príncipe*” e etc.) denota um esquema de determinação temporal, fazendo com que o tempo em que transcorria uma ação se subordinasse aos protagonistas individuais (MORENO FERRERO 1986/1987: 174-176).



Narasarensi autem, ubi Narseus occiditur, superiores discessimus. Nocturna uero in agro Eliensi prope Singaram pugna, ubi praesens Constantius adfuit, omnium expeditionum compensatus fuisset euentus, si, locis ac nocte aduersantibus, percitos ferocia milites, ab intempestiuo pugnandi tempore imperator ipse alloquendo reuocare potuisset: qui tamen inuicti uiribus, improuisis aduersos sitim aquarum subsidiis, incumbente iam uespere, castra Persarum adgressi, ruptis munitionibus, occupauerunt; fugatoque rege, cum a proelio respirantes, praetentis luminibus repertae inhiarent aquae, nimbo sagittarum obruti sunt; cum stolidè, ad dirigendos certius in se ictus, lumina ipsi per noctem accensa praeberent.

Constâncio [II] lutou contra os persas com dificuldade, com resultado mais instável do que próspero. À parte escaramuças menores entre as tropas montando guarda na fronteira, por nove vezes foi travada uma pugna acérrima quando a linha de combate repousava sob o comando dele [i.e., Constâncio II]; de fato, ele próprio esteve de corpo presente por sete vezes em batalhas pesadas. Na verdade, nas batalhas em Sisara, Singara e outra vez em Singara contando com a presença de Constâncio, e em Sicgara e igualmente em Constância, bem como quando Amida foi capturada, a *res publica* sofreu um sério golpe sob o reinado desse príncipe. Ademais, Nísibis foi cercada pelos persas em três oportunidades; mas, conquanto sitiasse, o inimigo foi levado a conhecer suas maiores perdas. Além disso, em Narasara, onde Narses foi morto, nós partimos vencedores. Entretanto, na batalha noturna no campo de Eleia, perto de Singara, onde Constâncio esteve de corpo presente, o desfecho de todas as campanhas teria sido contrabalançado se, embora em lugares desfavoráveis e à noite, o próprio imperador tivesse sido capaz de, dirigindo-se a eles, alertar os soldados, os quais se encontravam agitados pela ferocidade, quanto ao momento oportuno para a batalha: ainda que invencíveis pela força – um alívio perante uma imprevista carestia d'água –, os soldados avançaram mesmo com o cair da noite e se aproximaram do acampamento dos persas e, depois de rompidas as linhas fortificadas, ocuparam-no. Uma vez evadido o rei, quando recompunham-se da batalha, com tochas mantidas diante deles, os soldados embasbacaram-se com um veio d'água que havia sido encontrado e foram cobertos por uma nuvem de flechas. Pois que, estúpidos, durante a noite ofereceram por si mesmos as tochas flamejantes a guiar, de modo mais preciso, os disparos contra eles próprios (FESTO, 27.1-3).

Eis que a enumeração se faz presente: Festo elenca a quantidade de conflitos levados a cabo entre romanos e persas durante o reinado de Constâncio II. Sublinha-se por quantas ocasiões cada um dos lados em contenda havia se saído vitorioso. Similarmente, é listado o número de oportunidades em que a cidade de Nísibis foi sitiada pelos sassânidas durante o governo do filho de Constantino. No entanto, o autor teceu uma descrição sucinta – como era de

se esperar! – acerca do desenrolar da batalha noturna de Eleia (ou Hileia, talvez), sublinhando alguns pormenores relativos ao evento.

Mas a inserção desses detalhes não constitui o ponto distintivo da parte final da narrativa do *Breviário*; para fins de comparação, Festo assinala que o jurisperito Ulpiano havia sido o “mestre da chancelaria imperial” (*magister scriniorum*) ao tempo de Severo Alexander (FESTO, 22.1), minúcia esta que não guardava relação direta alguma com os confrontos militares no *limes* oriental. Os aspectos que diferenciam a passagem transcrita acima dizem respeito ao fato de Festo esboçar uma tentativa de explicação para o insucesso dos romanos em Eleia, salientando que tal era fruto da incapacidade de Constâncio II em comandar os seus homens, somada à imprevidência dos próprios soldados (FESTO, 27.3). Neste caso, tocava-se na questão mais ampla da indefinição que marcava as relações entre Roma e seu principal adversário no oriente – e que, presume-se, poderia despertar a atenção de um imperador como Valente, que se preparava para um iminente confronto bélico contra os persas na virada da década de 360 para a seguinte.

Conclusão

Portanto, vale destacar que, ao oferecer uma explanação sobre o revés sofrido pelas forças militares de Roma em meio a uma batalha que, a princípio, tinha se revelado favorável, Festo escapava aos preceitos que, como defendem estudiosos como Lana e Kenney, deveriam em tese ter regido a composição de epítomes históricos no século IV.¹⁵

Essa sutil modificação deriva, a meu ver, do anseio por se destacar os acontecimentos mais próximos do tempo presente – prática, aliás, comum à produção historiográfica greco-romana, sobretudo no que respeita a obras que cobrissem um longo intervalo de tempo. Isto nos alerta para o fato de que é equivocado considerar que a *brevitas* que define o opúsculo redigido por Festo possa ser entendida como um recurso utilizado de maneira uniforme e homogênea, sendo, pelo contrário, moldada pelo autor conforme julgado necessário. Portanto, nem todos os trechos que integram o *Breviário* de Festo foram elaborados de um modo “mais breve que a brevidade”.

¹⁵ Quanto à proposta de Lana e de Browning, vide a segunda página deste artigo.



Fontes

- AMMIANUS MARCELINUS. *History*. With an English translation by J. C. Rolfe. London: William Heinemann, vol. 3, 2000. (Loeb Classical Library).
- PHILOSTRATUS; EUNAPIUS. *Lives of the philosophers and sophists*. With an English translation by W. C. Wright. London; New York: William Heinemann; G. P. Putnam's Sons, 1922.
- FESTI BREVIARIUM RERUM GESTARUM POPULI ROMANI. From the 1819 edition by R. Mecenate. Disponível em: <http://www.attalus.org/latin/festus.html>. Acesso em: 06 jul. 2014.
- FESTUS. *Breviarium of the accomplishments of the Roman people*. Translated by Thomas M. Banchich and Jennifer A. Meka. Buffalo: Canisius College, 2001. (Canisius College Translated Texts). Disponível em: <http://www.roman-emperors.org/festus.htm>. Acesso em: 15 dez. 2014.

Bibliografia

- ANTIQUÉIRA, Moisés. *O Império romano de Aurélio Vítor*. 2012. 364 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BALDWIN, Barry. Festus the historian. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Stuttgart, vol. 27, n. 1, p. 197-217, 1978.
- _____. Festus. In: KAZHDAN, Alexander P. (ed.). *The Oxford dictionary of Byzantium*. New York; Oxford: OUP, 1991, p. 783-784.
- BONAMENTE, Giorgio. Minor Latin historians of the fourth century AD. In: MARASCO, Gabriele. (ed.). *Greek and Roman historiography in Late Antiquity*. Fourth to sixth century AD. Leiden: Brill, 2003, p. 85-125.
- BROWNING, Robert. History. In: KENNEY, Edward J. *The Cambridge history of Classical literature*. Cambridge: University Press, vol. 2, 1982, p. 732-754.
- CALLU, Jean-Pierre. Compte rendu de l'édition de l'*Építome de Caesaribus* établi par M. Festy. *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Paris, v. 143, n. 2, p. 606-608, 1999.
- CHAUVOT, Alain. Parthes et Perses dans les sources du IV^e siècle. In: CHRISTOL, Michel et al (ed.). *Institutions, société et vie politique dans l'Empire romain au IV^e siècle ap. J.-C.*. Rome: École Française de Rome, 1992, p. 115-125.
- DEN BOER, Willem. Festus. In: _____. *Some minor Roman historians*. Leiden: Brill, 1972, p. 173-223.
- FESTVS 3. In: JONES, Arnold H. M.; MARTINDALE, John R.; MORRIS, John. (eds.). *The prosopography of the Later Roman Empire*. Cambridge: University Press, vol. 1, 1971, p. 334-335.
- KELLY, Gavin A. J. The Roman world of Festus' *Breviarium*. In: KELLY, C. et al. *Unclassical traditions*. Alternatives to the classical past in Late Antiquity. Cambridge: University Press, vol. 1, 2010, p. 72-89.
- LANA, Italo. La storiografia pagana del sec. IV D.C. *Koinonia*, Napoli, v. 3, p. 7-28, 1979.



Bento Silva SANTOS (org.). *Mirabilia 20 (2015/1)*
Arte, Crítica e Mística – Art, Criticism and Mystique

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

- MOMIGLIANO, Arnaldo. Historiografía pagana e historiografía cristiana en el siglo IV d.C. In: _____. *Ensayos de historiografía antigua y moderna*. Mexico, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 95-111.
- MORENO FERRERO, Isabel. Elementos biográficos en el *Breviario de Festo*. *Studia Historica* (Historia Antigua), Salamanca, v. 4/5, p. 173-188, 1986/1987.
- ROHRBACHER, David. Festus. In: _____. *The historians of Late Antiquity*. New York: Routledge, 2002, p. 57-63.